

CAP XIX – A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

Itens 8 a 12 – Parábola da Figueira que secou. Instruções dos Espíritos: A fé, mãe da esperança e da caridade. A fé humana e a fé divina.

Evangelho de Marcos, Capítulo 11, Versículos 12 a 14 e 20 a 23:

“No dia seguinte, ao saírem de Betânia, teve fome.

E, vendo de longe uma figueira com folhas, foi ver se encontraria algo nela; dirigindo-se a ela nada encontrou senão folhas, pois não era tempo de figos.

Em resposta, disse a ela: Nunca mais ninguém coma fruto de ti. Os seus discípulos ouviram isso.”

- - -

“Ao raiar do dia, passando no local, viram que a figueira havia secado desde a raiz.

E Pedro, lembrando-se do fato, lhe diz: Rabbi, eis que a figueira que amaldiçoaste está seca.

Em resposta, Jesus lhe diz: Tende fé em Deus.

Amém, vos digo que quem disser a este monte: Sejas tirado e lançado ao mar, e não duvidar no seu coração, mas crer que o que está dizendo acontece, assim será para ele.”

Itens 8 a 10 – Parábola da figueira que secou

Kardec nesses itens nos traz o entendimento de que a figueira seca é o símbolo dos que aparentam inclinação para o bem, sem nada na realidade produzirem de bom.

No código divino somente são contabilizadas como créditos as obras úteis que elevam, que auxiliam o homem a desapegar-se das coisas materiais que o mantêm preso aos valores terrenos e que tanto dificultam a elevação do Espírito.

Sabemos que o Espírito reencarnará, tantas vezes quantas forem necessárias, em mundos materiais para desenvolver-se, até estar em condições de viver a vida plena de sabedoria e amor em mundos espirituais.

Então, tudo que não colabora com o aperfeiçoamento espiritual do homem, é como a figueira que não produz frutos e deve ser banido das mentes e dos corações humanos.

Portanto, a lição que essa passagem nos traz é a necessidade do homem, em qualquer situação, em todas as suas experiências de vida, produzir coisas boas, úteis, belas e que o elevem espiritualmente para algo melhor. Somente assim, o Espírito conseguirá superar as limitações que o orgulho e o egoísmo produz, confiando nas suas capacidades e nas suas possibilidades como filho de Deus.

Emmanuel, no livro **“Vinha de Luz”**, psicografia de Chico Xavier, diz que:

“Um indivíduo, por mais bem vestido e mais rico que seja, encaramujado no seu egoísmo, é semelhante a uma figueira, da qual, em nos aproximando, não vemos mais do que folhas.

(...)

O que precisamos da árvore são os frutos. O que precisamos da religião são as boas obras.

(...)

A religião do Cristo não é religião das “folhas”, mas, sim, a dos frutos!”

Kardec, ainda sobre a Parábola da Figueira, esclarece que ao homem:

“O que as mais das vezes falta é a verdadeira fé, a fé produtiva, a fé que abala as fibras do coração, a fé, numa palavra, que transporta montanhas. São árvores cobertas de folhas, porém, baldas de frutos.”

Kardec, nesse item, nos fala um pouco sobre os médiuns. Ele nos esclarece que a mediunidade é uma faculdade do Espírito imortal e que todos os homens a possui em maior ou menor grau, sendo, como as demais faculdades, desenvolvida no decorrer do processo evolutivo de cada um.

Alguns Espíritos encarnam com a tarefa de exercê-la de uma forma mais ostensiva, a fim de beneficiar seus irmãos encarnados e desencarnados, corrigindo, ao mesmo tempo, seus erros do passado contra o próximo.

O exercício da mediunidade é uma oportunidade de maior desenvolvimento espiritual, justamente pelas experiências de disciplina, de renúncia e de dedicação que ela necessita para dar bons frutos.

Não é uma tarefa fácil, principalmente, em um mundo onde ainda imperam o egoísmo e o orgulho, a valorização do possuir, do aparecer, do ser importante e do sobrepor-se aos demais.

Por isso, Kardec escreve dizendo que aqueles que se desviam da finalidade providencial e bendita da mediunidade, não produzindo os frutos saudáveis e doces que deveriam produzir, não beneficiando a outros, nem a si mesmo, no desenvolvimento das virtudes que ela pode propiciar, na recusa de exercê-la ou, ainda, usando-a para seu benefício material, para coisas fúteis e prejudiciais, assemelham-se à figueira estéril.

Item 11 – Instruções dos Espíritos. A Fé – mãe da esperança e da caridade.

José, Espírito Protetor, em Bordeaux 1862, inicia o item nos dizendo que *“para ser proveitosa, a fé tem de ser ativa”*, pois sem a fé não existe a esperança, nem a caridade.

A fé na realização de algo aciona a vontade de querer, que por sua vez, direciona todas as nossas energias em favor dessa realização. E é assim que a esperança e a certeza de conseguir, ambas produtos da fé, levam o indivíduo e, conseqüentemente a Humanidade a progredirem.

A fé em Deus, na vida futura e na perfectibilidade do homem, desperta o desenvolvimento de todos os sentimentos nobres, que existem na essência espiritual de cada um de nós.

Por isso, José escreve que *“a fé é a base da regeneração”*, ou seja, da recuperação espiritual de quem vive mergulhado no egoísmo e no orgulho.

Por fim, o Espírito José nos convida para a verdadeira fé que é aquela que vem da aceitação pela razão que nada mais é do que a compreensão do que se crê. Ele nos diz:

“Não admitais a fé sem comprovação, cega filha da cegueira.

Amai a Deus, mas sabendo porque o amais; crede nas Suas promessas, mas sabendo porque acreditais nelas; segui os nossos conselhos, mas compenetrados do fim que vos apontamos e dos meios que vos trazemos para o atingirdes. Crede e esperai sem desfalecimento: os milagres são obras da fé.”

Item 12 – A fé humana e a fé divina

Um **Espírito Protetor**, em Paris 1863, inicia a mensagem dizendo:

“No homem, a fé é o sentimento inato de seus destinos futuros; é a consciência que ele tem das faculdades imensas depositadas em gérmen no seu íntimo, a princípio

em estado latente, e que lhe cumpre fazer que desabrochem e cresçam pela ação da sua vontade.”

O entendimento de que a fé é humana e divina, pretende demonstrar que com ela, no reconhecimento das capacidades do Espírito e no emprego da vontade no uso dessas forças, o homem pode, a cada existência, realizar muito em favor de si mesmo e dos outros, ao mesmo tempo em que desenvolve suas faculdades espirituais.

O homem que acredita no seu potencial intelectual para a realização de um empreendimento, aciona a sua vontade no uso de todas as suas faculdades, numa entrega de suas energias na realização desse empreendimento. Isso é a fé humana, que fortalece a sua vontade de querer, lhe dá a certeza da vitória.

O homem que acredita na vida futura e que tem a certeza de que pode realizar ações boas e nobres, encontra na fé divina a força necessária para a vivência da caridade, da renúncia, da abnegação, da dedicação, do amor a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo.

A fé, assim entendida, compreende a força espiritual que possui, confia nas leis divinas, no auxílio espiritual dos Espíritos Protetores e coloca a vontade do seu querer a serviço dessa força, para enfim iniciar o processo de sua transformação moral, deixando de ser um homem rebelde e infeliz, para tornar-se uma pessoa mais útil a si e aos outros.

Por fim, o Espírito Protetor nos diz que *“com a fé, não há maus pendoros que se não chegue a vencer”*. Ou seja, para realizarmos a nossa reforma íntima, precisamos ter a nossa fé fortalecida e colocar a nossa vontade a serviço dessa força que nos impulsiona para o bem.

Para finalizar, vamos ler um trecho do livro **“Depois da Morte” de Léon Denis**.

Para aqueles que não conhecem Léon Denis, ele foi um grande defensor e divulgador da doutrina espírita. Seus livros são extremamente interessantes e importantes para os nossos estudos e vale a pena a leitura de todos.

Léon Denis nasceu na França, em 1846, e aos 18 anos teve seu primeiro contato com o Espiritismo ao ler o Livro dos Espíritos.

O trecho é do **Capítulo 44 – Fé, esperanças, consolações**:

“A fé é mãe dos nobres sentimentos e dos grandes feitos. O homem profundamente firme e convicto é imperturbável diante do perigo, do mesmo modo que nas tribulações.

Superior às lisonjas, às seduções, às ameaças, ao bramir das paixões, ele ouve uma voz ressoar nas profundezas da sua consciência, instigando-o à luta, encorajando-o nos momentos perigosos.

Para produzir tais resultados, necessita a fé repousar na base sólida que lhe oferecem o livre exame e a liberdade de pensamento.

Em vez de dogmas e mistérios, cumpre-lhe reconhecer tão-somente princípios decorrentes da observação direta, do estudo das leis naturais. Tal é o caráter da fé espírita.

A filosofia dos Espíritos vem oferecer-nos uma fé racional e, por isso mesmo, robusta. O conhecimento do mundo invisível, a confiança numa lei superior de justiça e progresso imprime a essa fé um duplo caráter de calma e segurança.”